

# SEU DINHEIRO

## UM PASSO EM DIREÇÃO AO FUTURO

Celso Ming

O Tratado de Assunção iniciou, na última terça-feira, o processo de integração das economias de Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Ou será o primeiro passo de um longo caminho em direção ao Primeiro Mundo ou não passará de uma integração das misérias do Terceiro Mundo, dependendo da seriedade com que o desafio será enfrentado.

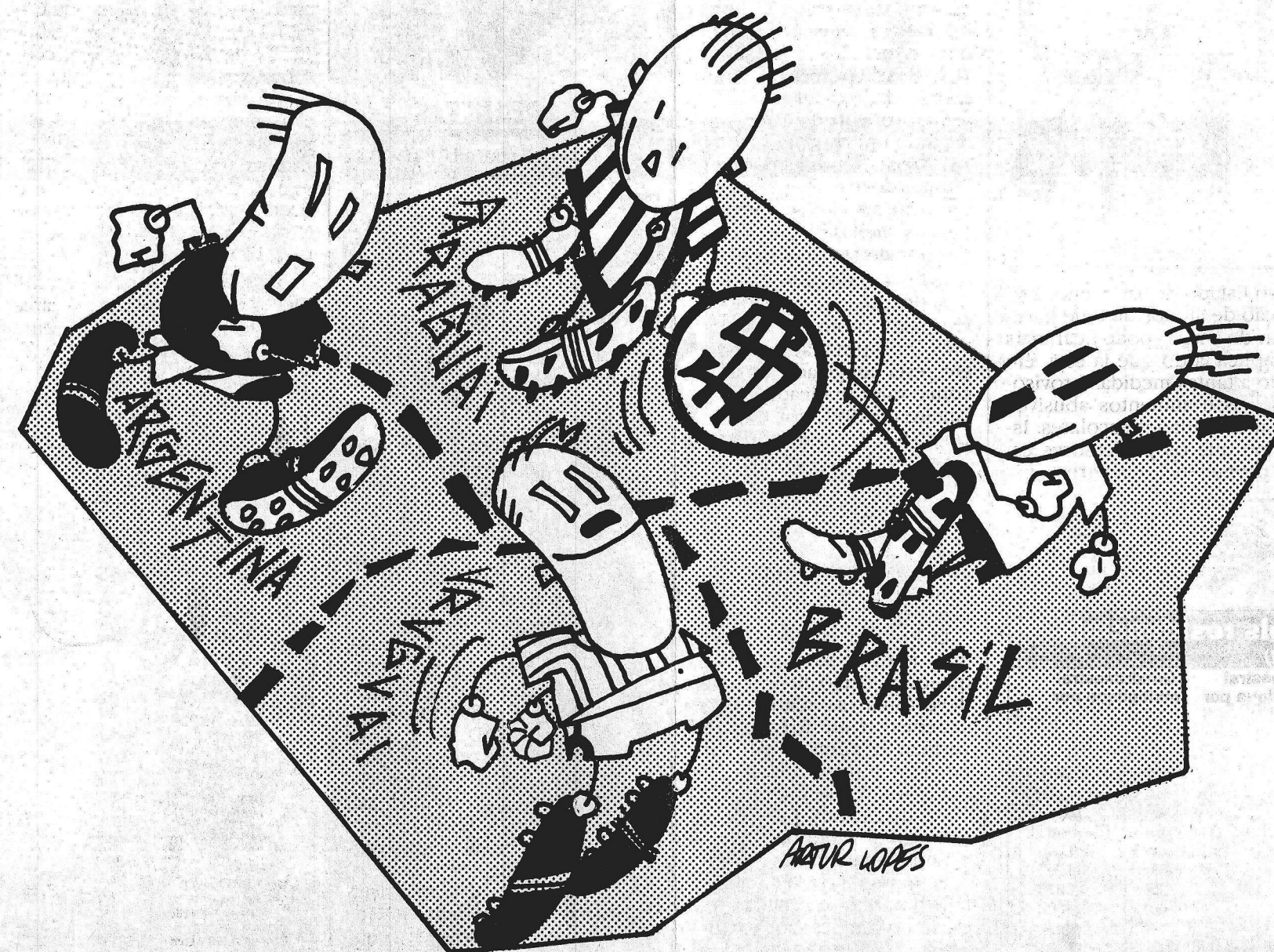
A mão invisível que escreve a História está deixando claro que o tempo dos estados nacionais, soberanos e livres, tal como passamos a conhecer desde o Renascimento, está chegando ao fim. E que, em seu lugar, estão-se erguendo novas estruturas político-econômicas, os chamados blocos econômicos, agora em formação.

Para 1992 está prevista a institucionalização definitiva do Mercado Comum Europeu, a Europa dos 12. O Mercado Comum Norte-Americano, em fase inicial de constituição, já engloba os Estados Unidos, o Canadá e o México. E, com menos formalidade, vai-se construindo, também, o Mercado Comum da Ásia, que já compreende o Japão e os chamados tigres asiáticos — Coréia, Singapura, Taiwan e Hong Kong — e poderá acabar atraindo a própria China.

### O peixe cresceu

Quer dizer, a economia moderna é um peixe que cresceu e que já não cabe nas reduzidas dimensões do velho aquário. Está exigindo a vastidão do lago. O país que não tiver tomado consciência do que está acontecendo e não se preparar para a nova era vai ficar para trás. E se já estiver para trás, vai ficar mais para trás ainda.

Durante um bom tempo, não faltou quem entendesse que o Brasil teria que embarcar no



navio do Mercado Comum Europeu. A idéia era infiltrar-se, como uma espécie de passageiro clandestino, no meio das bagagens de Portugal: as empresas brasileiras dariam um jeito de investir em Portugal e, de lá, beliscariam as vantagens de bordo. Ou então, para não dizer que o Brasil seria devolvido a Portugal, os dois países assinariam um tratado de associação e, por tabela, estaríamos lá dentro.

Mas, se já não estava, vai ficando claro que não há lugar

para esse tipo de elocubração. O Mercado Comum Europeu vai abrir o seu castelo para outros, provavelmente para a Áustria, Suíça, Suécia, Polônia, Hungria e — já prevêem os observadores — até para a velha Rússia branca. Mas não vai permitir que estranhos assem a lingücinha em sua churrasqueira. E se for mesmo para admitir uns bicões, a Europa terá outras prioridades, como, por exemplo, suas ex-colônias africanas com quem já mantém alguns compromissos especiais.

### Poder de barganha

No ano passado, o presidente dos Estados Unidos, George Bush, lançou sua Iniciativa para as Américas, um projeto de criação de uma zona de livre comércio, que abrangeria todo o continente, do Alaska à Terra do Fogo, e que poderia evoluir depois para um verdadeiro mercado comum pan-americano. De repente, a América Latina, que parecia condenada à marginalização, passa a ter uma oportunidade histórica de tirar o atraso.

O Tratado de Assunção assinado na semana passada depois de exaustivas negociações levadas adiante pelas chancelarias deve ser entendido como uma iniciativa destinada a aumentar o poder de barganha do sub-bloco sulino nas negociações com os Estados Unidos que vêm vindo aí.

Prevê a instalação de um verdadeiro mercado comum, o Mercosul, entre os quatro, já a partir de 31 de dezembro de 1994. Isso não implicaria apenas a derrubada das barreiras alfandegárias mas a constituição de uma praça

única de mercadorias, serviços e trabalho. Mais do que isso, prevê a coordenação das políticas econômicas e monetárias em direção à integração. Isso significa que cada um dos quatro terá que abrir mão de progressivas parcelas de soberania. Fica claro que o principal obstáculo para essa integração é a desordem econômica em que se encontram principalmente Brasil e Argentina. Sem estabilização de cada uma das economias, vai ser difícil progredir em direção a um objetivo comum porque grandes solavancos nas taxas de juros, no câmbio e nos preços, mais as dramáticas mudanças nas regras do jogo — como as que vêm ocorrendo a cada choque econômico — inviabilizariam os negócios e o planejamento a longo prazo.

### De fora para dentro

Do ponto de vista prático, as empresas brasileiras têm que preparar-se para enfrentar a concorrência de produtos mais baratos, especialmente matérias-primas e produtos agroindustriais. E, embora o Tratado preveja salvaguardas (exceções), será inevitável rever alguns princípios, tidos como sagrados por muito tempo no Brasil, como o monopólio estatal do petróleo, das telecomunicações, da energia nuclear. E as tais reservas de mercado, especialmente a da informática, da biotecnologia e da química fina, terão que enfrentar novas forças modernizadoras, agora de fora para dentro do País.

Para o brasileiro comum, que aspira por melhoria imediata do emprego, do salário e do nível de vida, as mudanças que virão nos próximos três ou quatro anos não serão facilmente perceptíveis. Mas, a longo prazo, serão elas que determinarão o que será, não propriamente o Brasil, mas a aldeia global que estaremos vivendo.